



UNIVERSIDADE FEDERAL DO
TOCANTINS / CAMPUS - PALMAS
CURSO DE LICENCIATURA EM TEATRO

MÁRCIO TELLES DE SOUZA MALTA

**CANUDOS AO OLHAR DE UM CANUDENSE:
RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E TERRITÓRIO
ATRAVÉS DA PERFORMANCE AUTOBIOGRÁFICA**

Palmas/TO

2023

MÁRCIO TELLES DE SOUZA MALTA

**CANUDOS AO OLHAR DE UM CANUDENSE:
RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E TERRITÓRIO
ATRAVÉS DA PERFORMANCE AUTOBIOGRÁFICA**

Artigo apresentada (o) à UFT –
Universidade Federal do Tocantins
– Campus Universitário de Palmas,
Curso de Licenciatura em Teatro,
para obtenção do título de
Licenciado.

Palmas/TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

M261c Malta, Marcio.
Canudos ao olhar de um canudense: ressignificando memórias e território através da performance autobiográfica. / Marcio Malta. – Palmas, TO, 2024.
39 f.

Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Palmas - Curso de Teatro, 2024.

Orientador: Marcial Asevedo

1. Performance. 2. Território. 3. memória. 4. Canudos-Ba. I. Título

CDD 790

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MÁRCIO TELLES DE SOUZA MALTA

CANUDOS AO OLHAR DE UM CANUDENSE: RESSIGNIFICANDO MEMÓRIAS E
TERRITÓRIO ATRAVÉS DA PERFORMANCE AUTOBIOGRÁFICA

Trabalho apresentada/o à UFT –
Universidade Federal do
Tocantins – Campus
Universitário de Palmas, Curso
de Teatro, foi avaliado para a
obtenção do título de Licenciado
em Teatro e aprovada em sua
forma final pelo Orientador e pela
Banca Examinadora.

Data de Aprovação 11/12/2023

Banca Examinadora:

Prof. Marcial de Asevedo – UFT

Profa. Daniela Rosante Gomes – UFT

Profa. Elane Santos Geraldo- UNEB

Àqueles que foram e são o início de tudo, que me ensinaram os primeiros passos e o conceito de respeito e ética, as primeiras palavras, a ler o mundo, o valor da solidariedade, do amor, da partilha, e me incentivaram a ir mais além: minha Mãe e Rainha – Rita Alves de Souza, meu avô José Alves de Souza e minhas tias Maria José Alves de Sousa e Josefa Alves de Souza (in memoriam). E ao meu irmão Marcos Augusto de Souza que sempre me apoiou nos meus sonhos e devaneios.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma produção pessoal profissional ou acadêmica se faz isoladamente, mas de muitas “mãos e pensamentos conjuntos” que se envolvem na tecelagem do construir. Por essa razão, agradeço: A Deus, pelo dom da vida e pela família com que me presenteou em memória; à minha amada e querida tia Maria José Alves de Souza, tia Josélia e meu memorável avô José Alves de Souza.

Aos guias superiores, que tantas vezes ouviram as minhas preces, concedendo-me a graça de ter concluído a escrita deste trabalho;

À minha mãe Rita Alves de Souza, que mesmo estando em outro estado sempre esteve preocupado com minha produção escrita, esteve presente em todos os momentos sendo companheira nas várias noites compartilhada por conversas via chamadas de ligações longas. Ao meu irmão Marcos Augusto de Souza que me ajudou a rememorar a minha infância e ter folego pra seguir diante.

À Universidade Federal do Tocantins (UFT), aos funcionários; aos professores do curso pelo apoio, colaborações e aprendizagens, em especial a Professor Prof. Me. Marcial de Asevedo, pela sua competência, persistência e fortaleza e que mesmo nos momentos mais críticos estava comigo, me tranquilizando, além de me motivar a não desistir do meu sonho: “Ser licenciado em Teatro”. Quero deixar meu agradecimento a minha amada professora do também colegiado do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal do Tocantins, Renata Patrícia da Silva, um verdadeiro anjo na minha vida. Por fim, agradeço os momentos compartilhados com meus colegas de turma.

A todos, MUITO OBRIGADO!

RESUMO

Este artigo tem como objetivo problematizar a performance autobiográfica enquanto prática artística que promove a resistência, a pluralidade e a diferença, discutindo o conceito de performance em seus aspectos históricos, antropológicos e artísticos, bem como a performance autobiográfica, que possibilita o resgate de experiências pessoais, memórias coletivas e, no recorte apontado aqui, o exercício da Performance autobiográfica. Aborda aspectos da Revolução da Guerra de Canudos e analisa performances autobiográfica sendo fomentada no ambiente natural das memórias da performance e demais territórios que não necessariamente o ambiente natural vivenciado por ele. Por fim, avalia o caminho evocado pela performance como viável ao estabelecimento de estratégias de resistência e sensibilização por meio da experiência artística compartilhada entre performer e espectadoras. Ademais, aponta a performance como alternativa para instigar o pensamento crítico, a liberdade e a criação de possibilidades de transformações no âmbito pessoal e coletivo, por meio de ações que abordam temáticas identitárias que refletem as lutas de movimentos sociais, como o movimento LGBTQI+, negro, cigano e tantas outras formas de sociedades marginalizadas no Brasil.

Palavras-chaves: Território, memória, Canudos-Ba, Universidade Federal do Tocantins, performance.

ABSTRACT

This article aims to problematize autobiographical performance as an artistic practice that promotes resistance, plurality and difference, discussing the concept of performance in its historical, anthropological and artistic aspects. as well as the autobiographical performance, which enables the rescue of personal experiences, collective memories and, in the excerpt pointed out here, the exercise of the autobiographical performance. It addresses aspects of the Canudos War Revolution and analyzes autobiographical performances, being fostered in the natural environment of the memories of the performance and other territories that are not necessarily the natural environment experienced by it. Finally, it evaluates the path evoked by the performance as viable for the establishment of strategies of resistance and sensitization through the artistic experience shared between performer and spectators. In addition, it points to performance as an alternative to instigate critical thinking, freedom and the creation of possibilities for transformations in the personal and collective spheres, through actions that address identity themes that reflect the struggles of social movements, such as the movement LGBTQI+, black, gypsy and so many other forms of marginalized society in Brazil.

Key-words: Territory, memory, Canudos-BA, Federal University of Tocantins, performance.

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 Apresentação Sala aberta 1ª semestre 2023	22
Figura 2 Processo criativo com o orientador Prof. Me Marcial Asevedo	25
Figura 3 Processo criativo na parte externa do Bloco B de Teatro da UFT	26
Figura 4 Print da passagem de avião/ Marcial Asevedo	27
Figura 5 Entrevista Para O portal Canudos Acontece	28
Figura 6 Card divulgação da Performance autobiográfica	29
Figura 7 Primeira ação da Performance autobiográfica	30
Figura 8 Ação 2 da performance	32
Figura 9 Ação 2 da Performance	32
Figura 10 Banho com água do pote	33
Figura 11 3 ação retrata religiosidade de Canudos	33
Figura 12 Deslocamento para última ação/ 4ª expedição	35
Figura 13 Momento final da performance Canudos ao olhar de um Canudense.	36

LISTA DE SIGLAS

BA	Bahia
FLICAN	Feira Literária Internacional de Canudos
IPMC	Instituto Popular Memorial de Canudos
LGBTQI+ ²	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais.
UFT	Universidade Federal Do Tocantins
UNEB	Universidade Estadual Da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. DO BELO MONTE AO CANUDOS ATUAL	14
2.1 À GUERRA	17
2.2 SEGUNDA E TERCEIRA CANUDOS	18
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	19
3.1 PERFORMANCE AUTOBIOGRÁFICA E O CORPO	19
3.1.2 Territórios e o caminho do corpo.....	21
3.1.3 Território cênico, bloco “B” de teatro da UFT.....	22
4. O DIA DA VIAGEM: PALMAS X CANUDOS	27
4.1 PREPARAÇÃO PARA O GRANDE DIA 13/09	28
4.1.2 À FLICAN.....	29
4.1.3 Performance autobiográfica – Canudos ao Olhar de Um Canudense.....	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	39

INTRODUÇÃO

“O sertanejo é, antes de tudo um forte”. A frase em questão é do autor e jornalista Euclides da Cunha (1866-1909), citado na obra “Os Sertões”, é conhecida por descrever a realidade daqueles que vinham das cidades interioranas do Nordeste.

A princípio, é preciso ressaltar que essa pesquisa fala muito sobre meu corpo, artista em processo de construção, não-binário, filho de descendentes de conselheiristas da Revolução da Guerra de Canudos-Ba, liderada pelo beato Antônio Vicente Mendes Maciel – Antônio Conselheiro, nascido na capital baiana Salvador/BA, mas com apenas 30 dias após o seu nascimento foi morar na cidade do extremo sertão da Bahia, à terceira Canudos. Uma parte da história da minha família toca na questão da nossa história do estado da Bahia e do Brasil e conhecida pelo restante do mundo. Minha mãe ainda era recém-nascida quando meus avós maternos mudavam do povoado da Várzea da Ema para o Povoado por nome, Pombinha Branca, essa por sua vez seria a reconstrução da terceira Canudos, ou seja, à Canudos atual.

Criado e educado por mãe solteira e pelo meu avô, só fui ter contato com meu pai aos 26 anos de idade. Particularmente, nunca sentir a falta da figura paterna, pois, tive a presença do meu Avô José Alves de Souza, um nordestino analfabeto destemido e exemplo de vida, sempre foi muito amigo de artistas, políticos e por vezes essas pessoas frequentavam a nossa residência, presentes de seus amigos. Acredito que circular nesse meio desde pequeno me fez o interesse pela arte, passei grande parte da minha infância e adolescência, desenhando, pintando, escrevendo textos de peças teatrais, poemas e criando as coreografias performáticas. Com o passar do tempo, fui descobrindo possibilidades para desenvolver-me enquanto artista do Teatro através dos cursos livres e oficinas de artes Cênicas ministradas através da Universidade Federal do Estado da Bahia – UNEB-, seus professores, de universidade pública, uma das poucas instituições que apoia e fomenta a arte e suas pesquisas nestes tempos que vivemos. Deste modo, esta pesquisa será baseada em alicerces autobiográficos e não poderia ser menos do que um autorretrato de mim mesmo. No entanto, seria demasiadamente raso e frágil conferir à pesquisa autobiográfica uma única voz, gosto sempre de pensar que são múltiplas as vozes que me guiam e isso é tão verdadeiro quanto o gênero de recursos quantitativos que eu poderia oferecer. Sobre essa possibilidade o artista e pesquisador mineiro Flávio CRO, pontua:

admira muito quem consegue afastar-se de si e falar sob a perspectiva desse outrem que

analisa criticamente o fazer desse seu distinto eu reflexivo. Contudo, a estratégia, para mim, não funcionou. Distanciar-me na escrita me pareceu cultivar uma espécie de esquizofrenia do eu, na qual finjo não estar aqui, não compartilhar, não transitar entre essa distância, esse afastamento e, simultaneamente, no reconhecimento desse meu eu em reflexão. (CRO, 2017, p. 131).

Nesse cenário, me vejo nas palavras do artista: não me vejo como um pesquisador alienado de em mim e em si, mas alimentado por minhas experiências compartilhadas. Posso dizer que as diversas pesquisas existentes traçam trajetórias diferentes no âmbito acadêmico de suas respectivas áreas e interesses.

Segundo o sociólogo Dubar (1998), a pesquisa objetiva sugere a uma fórmula recorrentemente usada no ato de pesquisar, que pode gerar reflexões através das posições sociais ocupadas ao decorrer a vida, condensada e medida estatisticamente, categorizada. Enquanto a pesquisa subjetiva é uma trajetória expressa através de relatos biográficos, sugerindo uma categoria entrelaçada a diversos “mundos sociais” e partidária de formas identitárias heterogêneas.

Simplesmente, são formatos distintos e codependentes dese contar uma história. Se o caminho é gerar, e a partir daí temos o 1 que gera o 2 e assim por diante, desta forma, também ocorre com as diferentes formas de narrar. São portais para que um outro estilo de narrativa possa gerar uma história. O ato de contar cria e recria no vazio. Embora Dubar sugira uma concatenação da pesquisa subjetiva e objetiva ao analisar trajetórias individuais, nesta pesquisa, o sujeito da prática aparecerá de maneira diluída para se alinhar às perspectivas de diversos autores, que como Spivak (2010) criticam o saber e a fala hegemônica ao se posicionarem a favor das falas dos subalternos.

Na prática ambas formas de narrativas são complexas e requer conhecimento, técnica e uma imersão profunda. No meu caso, foi extremamente difícil mergulhar nos corpos dantes imersos em águas desconhecidas, para que me contassem, os afogados e os vivos, um pouco das histórias que venho entrelaçar e trazer como uma única trama em meu próprio corpo. Houveram dias e dias de não só narrativas contadas, corpos que ressurgia das diferentes profundezas de diferentes águas, nos quais encontrei o folego para novos mergulhos, o respiro, enfim, a vida que nos perplexa: a resiliência que nos fortalece.

É nesse cenário que a pesquisa vereda, a partir de um processo de imersão e evidência de corpos que se dá a pesquisa acadêmica-artística. Na expectativa de ancorar uma fala subjetiva-objetiva busco contar histórias que reverberam em mim, em meu trabalho artístico através da Performance autobiográfica bem como em obras de Ana Mendieta, Chun Hua Catherine Dong, Jeff Wall e Paulo Nazareth.

São corpos que evidenciam outros corpos: corpos marginalizados, dilacerados, de coloniais. Corpos que criam traços semióticos na paisagem uma forma de (re)existir no cenário, através de ritos que traçam o contorno desse corpo artístico: corpo ausente – corpo presente. Histórias incineradas e apagadas, em ritual de consumação e dispersão. Relatos que foram apagados por autoridades dos dias atuais e décadas passadas. Vidas que foram massacradas no processo de colonização, opressão como Paulo Nazareth vai questionar em sua série de foto performances em que aparece literalmente decapitado, ou sem cabeça. E a busca pelo seu próprio funeral, nas reencenações performáticas de ChunHua Catherine Dong em diversas terras diferentes pelo eixo Oriente – Ocidente. Corpoausente e transmutado em elemental e natureza de Ana Mendieta. (Trans)formando seu gênero em discussão e como elemento fluido. O pictorialismo da fotografia de JeffWall: o que nos evocam os retratos de uma cena cotidiana urbana?

Entre tantos nomes de artistas conhecido e admirados para os que estudam e produzem Performance, eu me coloco junto a trabalhos que produzi ao decorrer da licenciatura em Teatro, a Performance autobiográfica “Canudos ao Olhar de Um Canudense” com observações e alinhamentos poéticos, discussões e reflexões acerca da opressão ocorrido entre 1893 e 1897 no Arraio do Belo Monte, ou seja, na primeira Canudos no extremo sertão do estado da Bahia, sobre um processo infundável de Opressores/oprimidos atravessando as noções de territorialidades, identidade e corpos com direção do professor mestre Marcial de Asevedo, também orientador da presente pesquisa.

Enfim, essa pesquisa é uma imersão de corpos. Corpos diversos e suas particularidades. Corpos que contam e recontam sua própria história, seus instantes de intimidade, desenhando suas próprias linhas de tensão, reais e imaginárias, e demarcam na pele as fissuras em constantes mudanças de um corpo em busca de território e pertencimento. Em tempos de intolerância e catástrofes como (re)existir e manifestar o que nos é legítimo. Diante cenário, é pertinente nos questionar! Como nos permitir alcançar um verdadeiro estado de presença, que quase parece um sonho, uma utopia? Dentre tantas possibilidades, a via arterial que pulsa, delicada e intensa, nos transpõe para a dimensão dos sentidos, o encarne, a arte, a vida. O grito-sussurro corpo manifesta-se, implora, impõe-se. Encarna.

1. DO BELO MONTE AO CANUDOS ATUAL

Por volta de 1870, nos sertões da então província da Bahia, existiam duas pequenas localidades denominadas a primeira Canudos – o lugar Canudos, também mencionado como o “deserto dos Canudos”, em terras da freguesia de Nossa Senhora da Graça do Morro do Chapéu,

e a “fazenda de Canudos”, referida nos limites entre as freguesias do Santíssimo Coração de Jesus de Monte Santo e Santíssima Trindade de Massacará.

O primeiro lugar continuou sendo, até os dias presentes, um pequeno povoado, sem história, com uma população de 90 habitantes, segundo os dados oficiais de 1957. O outro, porém, obscura fazenda em origens, ganhou projeção nacional entre 1893 e 1897, quando foi destruído pela guerra e pelo fogo após uma sangrenta luta de alguns meses, tornando-se ponto de história do Brasil.

A fama da localidade começou a surgir quando, em junho de 1893, ali chegou e se estabeleceu, acompanhado de milhares de seguidores, o “messias brasileiro mais conhecido e estudado”, Antônio Vicente Mendes Maciel, Antônio Conselheiro de alcunha, também cognominado Bom Jesus Conselheiro e Santo Conselheiro.

Segundo a tradição recolhida no meio de velhos moradores da área, as terras da fazenda pertenceram à gente da Casa da Torre, que as obtivera de sesmaria. Em 1856, possuíam quinhões de terras no lugar denominado Canudos, segundo o registro efetuado perante o vigário da freguesia de São João Batista de Jeremoabo, padre Joaquim Inácio de Vasconcelos, os senhores Lázaro Pereira Leal, Sebastião José Quadros e Vitorino José de Santana. Canudos, então, limitava-se à nascente com a fazenda Cocorobó, ao norte com a Canabrava, para o poente com a Barra e para o sul com o Rosário. Ao tempo dos históricos acontecimentos que celebrizaram o arraial, as fazendas próximas, Cocorobó e Velha, eram propriedades da família do dr. Fiel de Carvalho, que também parece haver possuído um quinhão em Canudos.

Localizado à margem do Vaza-Barris, numa região onde correm alguns afluentes do citado rio – os riachos Mamuquem, do Mota, da Providência e o Rio Sargento –, o pequeno povoado desfruta de posição privilegiada. É que por ali passavam as estradas do Cambaio, do Calumbi ou do Rosário, de Massacará, de Jeremoabo, caminhos abertos à penetração do Rio São Francisco. De Canudos, na direção do oeste, partiam as estradas de Uauá e da Canabrava, através das quais se completavam as caminhadas dos sertões banhados pelo “rio da unidade nacional”.

Ponto de encontro de várias estradas, Canudos tornou-se pouso obrigatório de viajantes que aí pernoitavam e tratavam de suas montarias, dando ensejo à atividade de ferreiros, consertadores de ferramentas de animais. O criatório de bode, muito difundido nas redondezas, era o principal esteio da pequena economia, por causa de couro vendido para Cumbe (Euclides da Cunha atual) e Monte Santo. Plantava-se cana nas margens do rio e seus afluentes, para a rapadura destinada ao consumo local. Nas grandes fazendas, criava-se também o gado vacum.

Surgida em pleno sertão, distanciada dos núcleos maiores de povoamento, a fazenda de

criar cedo passou a ser um centro de reunião de gente “suspeita e ociosa”, conforme informou a Euclides da Cunha o padre Vicente Ferreira dos Passos, antigo vigário da freguesia de Jeremoabo que, em 1876, andara em desobriga na zona. Registrando notas manuscritas em seu poder, escreveu o autor de Os Sertões: “Já em 1876, segundo o testemunho de um sacerdote, que ali fora, como tantos outros e nomeadamente o vigário do Cumbe, em visita espiritual à gentes de todo despedadas da terra, lá se aglomerava, agregada à fazenda, população suspeita e ociosa, armada até os dentes” e “cuja ocupação, quase exclusiva, consistia em beber aguardente e pitar uns esquisitos cachimbos de barro em canudos de metro de extensão cujos tubos eram naturalmente fornecidos pelas solanáceas (canudos de pito) vicejantes, em grande cópia, à beirada do rio”

Do exposto, podemos concluir que a fazenda Canudos, depois arraial de Canudos, chamado povoado do Belo Monte pelo Conselheiro, após sua chegada ao lugarejo, era um local dos sertões baianos, como inúmeros outros, aliás, que apresentava condições favoráveis ao desenvolvimento de um ponto de reação ao poder constituído.

O arraial, em 1890, três anos antes de sua ocupação pelo Santo Conselheiro, teria “cerca de cinquenta capuabas arruinadas”, admitiu Euclides da Cunha.

Cerca, portanto, de 250 habitantes, conjecturamos, admitindo uma média de cinco pessoas para cada casebre. As casinholas ficaram, na sua maioria, numa espécie de praça ali existente, onde havia um barracão, conforme nos declarou Manuel Ciríaco, homem dos tempos do Conselheiro. Os casebres de Euclides da Cunha não devem ser entendidos no rigor da expressão. Havia alguma coisa além das “capuabas arruinadas”. Uma pequena capela e umas duas ou três casas de melhores condições. (Euclides da Cunha, 1902, p. 187).

A casa de Antônio da Mota era uma delas, sem dúvida alguma. Negociante de couro, chefe de numerosa família, Antônio da Mota possuía uma casa regular, segundo ouvimos de diversos sobreviventes da guerra. Ficava situada na praça, perto da capelinha levantada em anos mais recuados. Antônio Conselheiro, quando esteve no arraial pela primeira vez, prometeu a Antônio da Mota, de quem era compadre, que edificaria uma igreja maior, promessa cumprida em 1893. O velho Macambira, antigo morador do povoado, negociante e pequeno criador, também devia possuir uma moradia melhor do que as palhoças referidas por Euclides da Cunha.

O centro do arraial, evidentemente, estava situado na praça que alguns denominam das “igrejas” e outros chamavam das “casas vermelhas” ou ainda “do comércio”. A primeira denominação vem do fato de ali estarem, uma diante da outra, a Igreja de Santo Antônio, cuja

edificação parece haver sido concluída em 1893, e a do Bom Jesus, de maiores proporções, ainda em construção na época da guerra. A outra designação é originada de um “correr” de casas de telha, no lado oposto às igrejas, pertencentes ao comerciante Antônio Vila Nova, e João Abade, o “chefe do povo”. Eram as mais confortáveis de toda a localidade, levantadas depois da chegada do Bom Jesus Conselheiro. “Do comércio”, por causa da loja de Vila Nova.

1.1 À GUERRA

A Guerra de Canudos é dividida em quatro expedições militares, sendo que apenas uma delas, a última, foi vencedora. Foi também na última expedição militar que Euclides da Cunha esteve presente e produziu suas anotações que, em 1902, foram publicadas na obra *Os sertões*.

Sob rumores de que uma “restauração monarquista” ameaçava a já conturbada transição da República brasileira, no dia 12 de novembro de 1896, o tenente Pires Ferreira, liderando uma tropa com pouco mais de 100 praças e três oficiais, parte de Juazeiro rumo ao arraial de Canudos. No entanto, nove dias depois, a expedição é atacada de surpresa pelas forças conselheiristas. Sete praças e dois civis morreram nesse primeiro embate. Essa notícia provocou uma certa crise política entre civis e militares que só veio a agravar-se nas expedições seguintes.

A segunda expedição parte no dia 25 de novembro de Juazeiro, após, no dia anterior, ter chegado a notícia da derrota das tropas de Pires Ferreira. Começa, então, a segunda expedição, liderada dessa vez pelo major Febrônio de Brito, com o contingente de 609 praças, com o reforço da equipe de artilharia da polícia militar da Bahia, dois canhões e três metralhadoras.

Os primeiros enfrentamentos só foram ocorrer em 18 de janeiro de 1897, tendo as forças do Arraial, novamente, debelado a campanha militar, que, dessa vez, registrou a baixa de 10 praças. As notícias dessas derrotas chegavam ao Rio de Janeiro, capital na época, como uma derrota da República, em um já conturbado momento político que tinha Prudente de Moraes, o primeiro presidente eleito por voto direto e civil da República brasileira.

É então que o coronel Moreira César, veterano da Revolta da Armada, é convocado para “resolver o problema”, que, naquela altura, havia se agravado demais. Ele reuniu então aproximadamente 1300 homens (entre grupos de artilharia, cavalaria, infantaria) e um comboio de cargueiro para munição.

No dia 6 de fevereiro de 1897, as tropas chegam a Salvador, e, no dia 18, estabeleceram-se em Monte Santo, ao lado de Canudos, de onde partiria o ataque planejado. Tentando pegar os conselheiristas de surpresa, o coronel Moreira César teria antecipado o ataque que, dessa vez, bombardeou o povoado, incendiou casas, além de ter atacado a igreja local.

Contudo, o próprio coronel foi ferido em 3 de março, tendo morrido no dia seguinte.

Outro comandante também foi morto, ao lado das baixas de mais 13 oficiais e mais de uma centena de praças. Os combatentes de Canudos ainda aproveitaram as artilharias deixadas pelas tropas, reforçando ainda mais as forças conselheiristas.

Os embates entre lideranças civis e militares, que já vinham de antes, agravavam-se cada vez mais. Antônio Conselheiro e seus seguidores passaram a figurar como a maior ameaça à recente e já fragilizada República do Brasil.

É quando, do Rio de Janeiro, o general Artur Oscar começa a preparar uma força militar que contou com cerca de 10 mil militares. Após vários assaltos, que receberam reforços de vários batalhões em agosto, Canudos é tomado pelos militares em 5 de outubro de 1897.

Todos os combatentes foram degolados, além de outras atrocidades envolvendo mulheres e crianças. Ao mesmo tempo que as forças conselheiristas foram derrotadas, não se encontrou nada que pudesse comprovar as teorias conspiratórias que teriam justificado a investida contra o arraial.

Era preciso justificar, então, todo aquele esforço e aquelas mortes patrocinadas pela República. Euclides da Cunha, com a sua obra já mencionada, contribuiu ainda mais para os questionamentos posteriores sobre as motivações da destruição de Canudos. Nisso, os militares e os seus projetos para a República, em crise com os civis, foram, também, ao final da quarta e última expedição, derrotados.

1.2 SEGUNDA E TERCEIRA CANUDOS

Canudos de hoje é a terceira da história. A primeira, conforme citado acima foi criada no século 18, foi destruída pelo Exército em 1897, no fim da guerra. A segunda surgiu por volta de 1910, construída sobre as ruínas da anterior. Os primeiros habitantes eram sobreviventes do conflito. Em 1950, com o início das obras da barragem que inundaria o local, os moradores começaram a sair, formando um novo vilarejo a uma distância de cerca de 20 quilômetros. A segunda Canudos desapareceu sob as águas do açude do Cocorobó, em 1969 sobre o comando do presidente da república da época Getúlio Vargas.

O vilarejo tornou-se, em 1985, surgindo a terceira Canudos.” Essa, foi emancipada após a criação da Lei Estadual 4.405 de 25/02/85, publicada no Diário Oficial de 26/02/1985, Canudos é hoje uma cidadezinha pacata, porém, conta em seu calendário municipal festejos que agitam a rotina dos moradores; Cavalgada, festejos de Santo Antônio, Feira literária Internacional de Canudos, além da tradicional Romaria. Com traçado planejado e ruas retas, o município torna-se um museu a céu aberto. Fica a 410 km de Salvador, junto ao açude Cocorobó, região Nordeste do estado. O município foi criado na década de 1980 e tem apenas

13.800 habitantes. Mas sua história vem do final do século XIX, com acontecimentos que abalaram o país. Um dos pontos turísticos mais visitados do sertão da Bahia, o município e a região foram palco de um dos episódios mais marcantes da História da Bahia: a Guerra de Canudos.

Importante ícone do turismo histórico-cultural da Bahia, Canudos guarda detalhes do que foi considerado um dos maiores conflitos brasileiros do período republicano. E para fazer uma imersão sobre o episódio, turistas contam com o Parque Estadual de Canudos e seus roteiros por pontos estratégicos das batalhas, além do Memorial Antônio Conselheiro e do pequeno Museu Histórico de Canudos.

Na cidade, os visitantes ainda podem desfrutar do pequeno balneário do açude Cocorobó, cujas águas encobrem as ruínas da extinta comunidade fundada por Antônio Conselheiro, e, entre um passeio e outro, apreciar da culinária local, baseada em produtos regionais, a exemplo de carne de bode, galinha caipira e peixes de água doce. Além disso, as belezas naturais da região encantam, com sua vegetação típica, diversas serras e aves raras.

2. RESULTADOS E DISCUSSÕES

2.1 PERFORMANCE AUTOBIOGRÁFICA E O CORPO

Ao decorrer dos anos 70, a arte da performance e a body art faz uma imersão, de forma inesperadas e provocativas, o colapso dos limites de uma linha tênue entre vida e arte provocado inicialmente pela *Action painting*, a arte conceitual, e os Happenings dos anos 60, trazendo para o processo de produção e de recepção da arte uma releitura totalmente nova.

Da mesma forma que os Happenings, a performance e a *body art* exibem uma flexibilidade estrutural e uma indefinição que rompem com a convencionalidade e as restrições formais das práticas tanto do teatro quanto das artes visuais.

Conceitualmente, a arte da performance é complexa e polêmica, não apenas porque abriga uma multiplicidade de formas, mas também porque, enquanto “gênero”, tem estado em permanente transformação desde o seu surgimento. O forte conteúdo de artes visuais que apresentava no início deu lugar, ao longo das duas últimas décadas, a uma performance mais orientada pela narrativa.

A despeito dessa flexibilidade conceitual, pode-se afirmar que um dos traços principais da arte da performance é o seu caráter autoral. Na cena teatral, o que se tem é um personagem já escrito que é trazido à vida por um ator; pode ser descrita, portanto, como uma citação na qual a natureza fictícia do personagem e de suas ações é evidente. Justamente por esta razão é

que J. L. Austin exclui a representação teatral de sua definição de elocuições performativas, rotulando a de parasítica. Austin observa que a elocução performativa dita por um ator no palco é nula ou vazia, uma vez que ele não faz alguma coisa, mas representa uma ação. A função do ator é, portanto, interpretativa.

Na arte da performance, o performer é o autor do seu próprio script. Além do mais, a performance quase sempre exhibe uma forte atualidade e é bastante responsiva às questões políticas e sociais do momento. Diferentemente do ator teatral, o performer não pretende representar um outro e habitar um espaço e tempo fictícios. Como Lynda Hart apropriadamente observa, “a arte da performance não permite a percepção da distância entre o performer e sua linguagem e gestos, que o ator possui automaticamente através do uso histórico do ‘personagem’” (Hart, 1996, p. 115-6).

A razão dessa dificuldade de em distanciar o performer de sua linguagem e gestos reside precisamente no fato de que na performance as funções do artista, autor e persona estão fundidas. Além disso, a fusão do autor e performer é ainda mais complicada pela imbricação do sujeito e do objeto, tanto pelo uso do corpo como um lugar de representação quanto pelo emprego freqüente de material autobiográfico.

A *body art* e arte da performance, com seu caráter multidisciplinar, exigem que as relações entre artista, trabalho artístico e público sejam repensadas. O corpo atuante e quase sempre despido do artista tornou-se não apenas o veículo para o trabalho, mas o objeto de arte em si. Artistas como Marina Abramovic e Chris Burden criaram performances nas quais eles puxaram seus corpos ao limite extremo da dor e da resistência física e emocional. Carolee Schneemann fez do corpo erótico, sexual, o objeto principal da performance em trabalhos como *Meat Joy* (1964) e *Interior Scroll* (1975), usando seu corpo como “material integral” do seu trabalho. O modo de recepção passa, portanto, da observação de um objeto de arte contido em si e independente de seu criador, para uma relação intersubjetiva com o sujeito encarnado do artista em processo de produção do trabalho, trazendo à luz “a relação entre visão e significado, entre o ato de fazer e o ser”, nas palavras de Kristine Stiles (1998, p. 228). O corpo torna-se então o ponto de mediação entre uma série de relações binárias de oposição, tais como o interior e o exterior, sujeito e mundo, público e privado, subjetividade e objetividade. O corpo é o lugar em que essas contradições ocorrem.

O intenso interesse pela autobiografia demonstrado pela arte da performance, particularmente em trabalhos solos, pode parecer, a priori, apenas um sintoma da profunda preocupação com o sujeito que marca a modernidade. A autobiografia é geralmente entendida como algo privado, como um olhar que se volta para o interior de si mesmo.

A arte da performance nos Estados Unidos nas últimas duas décadas vem intervindo politicamente de maneira significativa e constante na esfera pública. A teoria e as práticas dos grupos sociais marginalizados têm sido primordiais nesse processo. A performance solo autobiográfica tem, de fato, desempenhado uma função crítica na criação de um espaço discursivo para minorias que não se enquadram na normatividade do discurso ideológico dominante. Para aqueles relegados ao silêncio dentro do discurso dominante, a performance solo autobiográfica tem sido instrumental para a reivindicação por diversas minorias do papel de agentes sociais e na criação de uma “contra esfera pública”. Afinal, como Foucault postula, se “o discurso pode ser tanto um instrumento e um efeito do poder”, ele pode também funcionar como “um obstáculo, uma pedra no caminho, um ponto de resistência e um ponto de partida para uma estratégia o posicional. O discurso transmite e produz poder, reforça o poder, mas também o enfraquece e o revela, torna-o frágil e faz com que seja possível obstruído” (Foucault, 1990, p. 101).

2.1.2 Territórios e o caminho do corpo

Quando que meu corpo tomou consciência artística no processo da performance? O corpo sempre esteve lá, mesmo quando eu era incapaz de percebê-lo. Foi o professor Me. Marcial Asevedo, ao decorrer das disciplinas de Performance, no 2 semestre de 2021/ atuação, no 1ª semestre de 2022/ Laboratório de Criação Cênica para Solos no 2 semestre do mesmo ano/ já no 1ª semestre de 2023 foi possível pegar à disciplina de Laboratório de Criação Cênica para Processos Colaborativos/ Por fim, o Professor se tornou meu orientador e viajamos juntos para cidade de Canudos-BA numa imersão de 3 dias.

Já na disciplina de Laboratório de Criação Cênica para Processos Colaborativos, foi solicitado pelo Prof. Marcial que levássemos todos os nossos trabalhos para uma avaliação. Estavam tentando identificar nossas áreas de interesse para nos orientar e encaminhar para o projeto final. Eu levei uma cena solta, duas, três músicas populares de Canudos e movimentos aleatórios que é uma das coisas que sempre gostei de fazer. Na verdade, havia escolhido a habilitação Performance por ser uma área da arte que integra à dança, música, teatro, uma habilitação que eu já desejava como proposta final. Assim, eu era quando jovem queria abraçar sempre o que me motivava, a possibilidade de desenvolver algo que me motivava sempre foi uma tentação irresistível para mim.

O Prof. Marcial Asevedo olhou e analisou meus trabalhos até então e disse:

-Você já pensou em fazer performance?

Figura 1 Apresentação Sala aberta 1ª semestre 2023



Fonte: 1 Acervo do graduando; Márcio Malta.

Eu pensei comigo mesmo... “Performance? Aquela modalidade na qual as pessoas sempre expõem o corpo...?” E respondi de imediato com brilho nos olhos:

- Sim, é algo que sempre cogitei.

Ele insistiu:

- Esse trabalho será muito válido e interessará, pois bem, em seus trabalhos... o tempo todo você está falando do corpo... Nas suas cenas por exemplo você sempre verbera as questões da

marginalização, opressão.

Respondi que iria pensar sobre o assunto, mas pensei bem comigo mesmo: “Sim, é muito possível, eu sou exatamente tudo isso, não haveria outro caminho, que não esse”. Parecia que ele até sabia o que eu estava pensando.

Não sei explicar muito bem o que aconteceu depois disso. Foi um clarão que eu vi no sorriso dele, e aquela sensação de me sentir no dever de convidá-lo para ser meu orientador, sabe. Vamos lá, o convidei em particular e falei de meu amor pela cidade de Canudos-Ba, minha relação com a cidade e minha preferência pela Performance, então que ele aceitou e se tornou meu orientador e tudo nunca mais foi como costumava ser.

Além do embasamento prático-teórico das aulas, no fim do semestre, apresentávamos uma mostra chama Sala Aberta, orientada pelo professor. Nessa apresentação, já usávamos elementos da teatralidade como laboratório para uma possível performance a ser desenvolvida com o Tema; “Canudos ao Olhar de Um Canudense”.

Assim seguimos. No segundo semestre de 2023 iniciamos a disciplina de TCC e o processo criativo de como desenvolver as técnicas, lembranças e memórias para a apresentação da performance.

2.1.3 Território cênico, bloco “B” de teatro da UFT

O primeiro espaço cênico foi as dependências externas do bloco B de teatro da Universidade Federal do Tocantins. A performance que projetava havia relações do corpo com a identidade, do corpo com as memórias. Apoderava da psicologia das cores, na tentativa de ilustrar esses

rizomas invisíveis que se/nos conectam com o corpo, com a natureza como pondera Ana Mendieta.

Minha arte é baseada na crença em uma energia universal que percorre todas as coisas (...). Meus trabalhos são as veias da irrigação desse fluido universal. Através deles surge a seiva ancestral, as crenças originais, a acumulação primordial, os pensamentos inconscientes que animam o mundo. Não há passado original que deva ser redimido: há vazio, orfandade, a terra sem batismo desde o início, o tempo que nos observa de dentro da terra. Acima de tudo, há a busca pela origem. (MENDIETA apud OBREGÓN, 2015).

Sob o olhar atento do mestre Prof. Me. Marcial de Asevedo, iniciaram-se os o processo de criação e produção da performance autobiográfica em julho 2023. No primeiro encontro alinhamos em um banquinho do bloco B, de teatro da UFT, os anseios que perpassava meu corpo, que me eram valiosos devido às experiências relacionadas a identidade, cultura e territorialidade ao decorrer da minha trajetória de vida com a histórica cidade de Canudos-BA, anseios esses que partiam e surgiam de memórias que foram sendo compartilhadas com meu mestre e orientador. nossa. As ideias iniciais que me motivavam até o presente momento continham 4 ações relacionada diretamente as 4 expedições da Guerra de Canudos paralelo a 4 memórias marcadas no corpo do performe, Márcio Malta com o território do município de Canudos-BA: Na primeira ação foi proposto as lembranças de minha infância com minha mãe, avô materno, irmão e amigos, além de brincadeiras que praticava quando criança, paralelo os fatos da 1ª expedição da guerra de Canudos. Ao decorrer da ação foi possível rodar à música do compositor e cantor regional Fábio Paes (Música - Aurora);

“Entre os frisos vermelhos da tarde, eu canto aurora, nas colunas de mato e rebanho eu canto aurora, um vazio pendurado em arbustos eu canto aurora, eu canto aurora

Numa estrela desmaia de sangue, eu canto aurora, este tempo é um marco de prata, eu canto aurora, esta morte é a mate sonora, eu canto aurora

Entre os frisos vermelhos da tarde, canto aurora, nas colunas de mato e rebanho, eu canto aurora, um fuzil pendurado entre arbustos eu canto aurora, eu canto aurora, Uma estrela desmaia de fome eu canto aurora...”

Fábio Paes – Canto da Aurora.

À segunda ação representava a 2ª expedição. Foi retratado por músicas do cantor regional Fábio Paes (Conforme letra a baixo), que retrata as dores da guerra paralelo as mazelas e ausências de políticas públicas nos dias atuais, através da música – Salve Canudos. A ação contou com movimentos através do corpo e alguns objetos que compunha a performance – (Corda de cipó, uma cama acima de uma carrada de areia, fruta manga). Letra da música – Salve Canudos:

Dentro do Cocorobó/ Ouviu-se um grito/ Por almas inundadas/ Raquel chorou/ Do horror da terra quente, se escuta/ Gritos de dor/ Das batalhas e massacres/ Milhões de mortos/ Da espora da opressão/ A triste sorte/ Geme o povo dos sertões/ Solta gritos/ Gritos de dor

Salve, salve Canudos/ Roga a Deus, ó Maria/ Benze o povo e eleva/ Cristo é o seu guia/ Do navio e da aldeia/ Nos misturamos/ Índios, negros e roceiros/ A marca herdamos/ Do deserto das três raças/ Deus chama/ A Promissão

Salve, salve Canudos/ Roga a Deus, ó Maria/ Benze o povo e eleva/ Cristo é o seu guia/ De beatos e missões/ A fé colhemos/ Da escola da enxada/ Partilhamos/ Do conselho dos profetas, ouvimos/ Libertação

Salve, salve Canudos/ Roga a Deus, ó Maria/ Benze o povo e eleva/ Cristo é o seu guia/ Salve, salve Canudos/ Roga a Deus, ó Maria/ Benze o povo e eleva/ Cristo é o seu guia

Fábio Paes – Salve Canudos.

Na 3ª Ação retratamos a religiosidade, cantos populares de Canudos e o corpo na fase da adolescência. Ao decorrer da ação foram utilizados uma saia rodada na cor roxa, além de um pote d'água, espelho e maquiagem. A cor roxa da saia representa o renascimento conforme sugere a cor no que compete a psicologia das cores. O performe toma banho com a água retirada do pote e em seguida fica eufórico e se auto maquia. Logo após passa à música – Coroação de Nossa Senhora

Virgem recebe está Coroa, que te oferece o nosso amor. Seja do Céu, ó mãe tão boa, pra todos nós, feliz penhor 🎵

Na transição da terceira para a quarta ação o público segue uma personagem caracterizada de Santa Virgem Maria ao som da banda e Pífano e tambores até a última ação que representa à 4ª e última expedição. Nesse momento é realizado uma provocação a respeito das políticas sobre a fomentação da cultura e da arte. A performance usa de bebidas alcoólicas e cigarros e realiza uma coreografia através da música do também cantor Fábio Paes (Andanças de conselheiro). A ação retrata e gera uma reflexão com momentos místicos, mundanos, narrativas com tom de discurso político conforme letra musical abaixo:

Andando pelo sertão/ Sem temor vai em frente/ Antônio o penitente/ Pelos recantos/ que o homem cercou/ Vai o velho guerreiro/ Nas entranhas do tempo/ Além do pecado/ Além do poder e do sofrimento /Sacode, sacode o fole/ Pra o povo aparecer/ Sacode o fole/ Berrante anunciando/ Aponta o seu cajado/ Fala da vida/ Antônio dos retirantes/ Uauá sempre luzente/ Risca no céu/ Antônio dos penitentes/ Pajeú é Suçuarana/ Nas serras do

Bedengó/ Macambira é Lua cheia/ Nas noites do Cocorobó/ Conselheira semente da vida/ Brotando florida/ Nos raios do Sol/ Trabubu, Caratacá/ Masseté e Chorrochó/ Meninos vem, meninos vem/ Caboclos índios, vamos logo guerrear/ Meninos vem, meninos vem/ Índios, galegos, vamos todos guerrear.

Fábio Paes e Raimundo Monte Santo – Andaças do Conselheiro.

Estes elementos selecionados e a partir deles iniciamos o processo de criação das ações da performance autobiográfica – Canudos ao Olhar de Um Canudense.

Figura 2 Processo criativo com o orientador Prof. Me Marcial Asevedo



Fonte: 2 Arquivo pessoal do graduando: Márcio Malta.

Ao decorrer das orientações foram realizadas técnicas de aquecimentos, treinamentos de ator e improvisações através de jogos para ampliar o processo de imersão criativa. Tais improvisações, logo no primeiro dia de ensaio, resultaram em materiais preciosos que passaram a ser fragmentos das ações da Performance.

O corredor do bloco B do Curso de Teatro da UFT, foi o primeiro território onde acontecem as aulas práticas construção da Performance. É um corredor formato de um “X” na ocasião estava em reforma e estava pintada de branco, os pisos são lisos e acinzentados com pequenas desenhos com pigmentação preta, retratando o Nordeste.

No corredor realizamos o processo de resgate das lembranças estavam um pneu de carro com folhas secas no meio do corredor. A proposta era interagir com os objetos e verbalizar e voz alta as lembranças da infância em Canudos-Ba até os dias atuais. Esse foi o primeiro espaço e os primeiros objetos que utilizamos para começar o processo de criação do

solo.

Os encontros e orientações aconteceram aos sábados na própria UFT. Chegamos a ter quatro maravilhosos encontros presenciais na Universidade, e destas orientações, desfrutamos muitos bons exercícios, aquecimentos, experimentações e composições. Dessa maneira, cada vez mais a Performance, ganhando forma e sentido.

Nesses momentos iniciais de composições e construções, o orientador Prof. Me Marcial sugeriu que a improvisação acontecesse dentro do corredor e finalizasse na parte externa do bloco B, o Pneu e as folhas secas ficariam para trás e o território agora era composta por árvores, areia, pedras em meio espinhos e insetos. Posto naquele espaço natural aberto, em céu aberto, dias de Sol e outros de chuva aconteceram as primeiras improvisações nas quais durante a os

Figura 3 Processo criativo na parte externa do Bloco B de Teatro da UFT.



Fonte: 3 Arquivo pessoal do graduando Márcio Malta

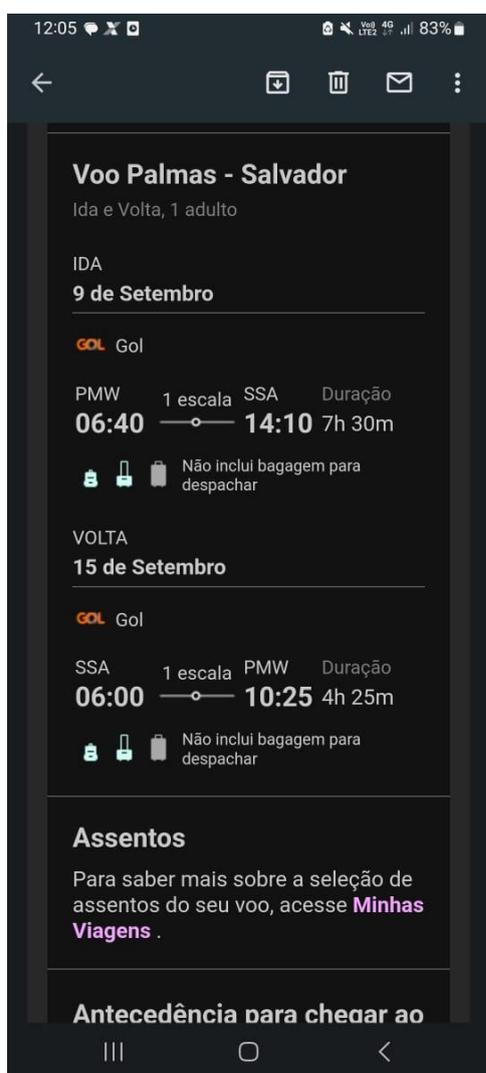
processos de criação através de jogos e improvisações eu interagi com o ambiente natural da maneira com que o ambiente permitia. Ao decorrer do exercício foi trabalhado as lembranças

da infância; simples ações como: Usar estilingue para caçar passarinho, jogar vôlei, Baleou, Jogo de bolinhas de gude entre outras.

Passamos os quatro encontro sempre na área externa da UFT lapidando as ações e dessas trocas e encontros surgia a estrutura do início, meio e fim da Performance, que tinha como intenção, segundo o orientador, causar uma relação do corpo em movimento em território, identidade e cultura do corpo de um indivíduo perpassando a coletividade com narrativas e textos políticos, com proposta estética .Conforme as orientações proposta pelo Prof. Marcial foi possível estabelecer uma relação profunda entre o meu corpo, minhas memórias e os elementos pré-estabelecido da Performance.

3. O DIA DA VIAGEM: PALMAS X CANUDOS

Figura 4 Print da passagem de avião/ Marcial Asevedo



Fonte: 4 arquivo do graduando Márcio Malta.

Nossa viagem na verdade começou um tempo antes dia 10 de setembro de 2023, pra ser mais preciso a uns 2 meses antes mais ou menos, quando realizado o convite do graduando em licenciatura em Teatro Márcio Malta e aceito pelo Professor Marcial Asevedo. O Professor Marcia comprou a passagem em 23 de agosto para o dia 09/09 de Palmas para Salvador.

Já o graduando e baiano Márcio Malta havia comprado sua passagem de ônibus para o dia 15 de agosto de 2023. Uma viagem longa e cansativa, saindo de Palmas em 08 de setembro com chegada no dia 10/09. Realizado a viagem o orientando e orientador se encontraram na capital da Bahia/Salvador. O planejamento estava em plena execução.

Conforme planejado, o motorista da Universidade Estadual da Bahia (UNEB), pegou o graduando no bairro de Brotas e logo em seguida seguiu direção ao apartamento onde estava hospedado o Professor Me. Marcial Asevedo, no bairro da Pituba.

Saíram de Salvador rumo à histórica cidade de Canudos-BA umas 19h da tarde do dia

10/09. Foi uma viagem longa e com muitas paradas, mas descontraída e com muitas expectativas. Afinal, estávamos com o objetivo de realizar sonhos e provocar toda uma sociedade através da arte na Feira Literária Internacional de Canudos. Era umas 02h Am quando chegaram em Canudos, o motorista muito educado e prestativo Berguinho, conhecido de infância de Márcio Malta estava alegre por ver seu conterrâneo as vésperas de realizar um dos seus sonhos.

3.1 PREPARAÇÃO PARA O GRANDE DIA 13/09

Estava no meu território e era enorme as expectativas para o dia da apresentação da Performance autobiográfica na maior feira literária da região, à Feira Literária Internacional de Canudos (FLICAN). Naquela segunda-feira (11/09) logo pela manhã Márcio Malta foi direção à Pousada de Dona Joselina, diga-se de passagem, um dos lugares mais lindos da cidade, onde concentra uma vista para O Rio Vaza Barris, rio que submerge as ruínas da 1ª e 2ª Canudos.

Figura 5 Entrevista Para O portal Canudos Acontece



Fonte: 5 Arquivo do graduando: Márcio Malta.

Eles tomaram café, em seguida recepcionaram às 8h da manhã na própria pousada a equipe do Portal Canudos Acontece para uma entrevista com maior veículo de imprensa da cidade. Logo após ambos foram para Rádio Atividade FM, participaram de um prazeroso bate papo com a radialista Renata Flausino. Após cumprirem agenda de divulgação paralelo as agendas da FLICAN, eles sentaram com a organização da FLICAN para alinhar a pré-produção

da Performance Autobiográfica. Confirmar e providenciar os objetos a serem utilizados ao decorrer da apresentação; pilão, pote d'água, fara de pescar, candieiro, carrada de areia, cama, uma fruta – Manga – figurino de Nossa Senhora e contratação da Banda de Pífano da cidade. Saíram às 15h da tarde do memorial Antônio Conselheiro com todos os ajustes realizados.

No dia seguinte, foi corrido e aproveitaram para alinhar os detalhes da apresentação, olhar o percurso da performance do início ao fim. A comissão organizadora publicou o card específico da Performance nas redes sociais.

Figura 6 Card divulgação da Performance autobiográfica



Fonte: 6 Organização da FLICAN 2023

O card foi criado pela equipe de comunicação da organização da FLICAN.

3.1.2 À FLICAN

“O Sertão vai virar Arte”

Luiz Paulo Neiva – Curador da FLICAN

A quarta edição da Feira Literária Internacional de Canudos (FLICAN) acontecerá de 13 a 16 de setembro de 2023, oferecendo uma programação focalizada no pujante repertório histórico e literário dos sertões, tendo como linha temática Evocar Belo Monte, nos seus 130 anos de fundação, e o bicentenário da Independência do Brasil, ocorrido na Bahia.

Aberta a um público nacional e internacional, a Feira sediará atividades em sítios icônicos à história e à cultura do país, como o Parque Estadual de Canudos, o Memorial Antônio Conselheiro, o Museu João de Régis, o Museu Manoel Travessa, o Mirante do Conselheiro e o Instituto Popular Memorial de Canudos (IPMC), com participação especial das escolas municipais. Literatura e Resistência, é o slogan da IV FLICAN, que busca refletir e condenar todas as formas de agressão, preconceitos, ataques ao estado democrático de direito e a barbárie.

Sem desprezo a nenhum tema relacionado, a problematização do evento, reitera, a aderência à linha temática nos marcos celebrativos dos 130 anos de fundação do arraial de Belo Monte por Antônio Conselheiro e dos 200 anos da independência da Bahia que proporcionou definitivamente a independência do Brasil do jugo português. A temática e os marcos celebrativos fundamentam as linhas de pensamento e proposições para a IV FLICAN

3.1.3 Performance autobiográfica – Canudos ao Olhar de Um Canudense

A Performance estava marcada para 17h, porém, teve início às 18:10 na Rua Maria

Figura 7 Primeira ação da Performance autobiográfica



Fonte: 7 Arquivo pessoal do graduando; Márcio Malta.

Guerra, antiga rua Bela Vista na cidade de Canudos Bahia, o que nos possibilitou utilizar a iluminação dos próprios postes da rua, a mesma que iluminava a rua Bela Vista nos anos 90 quando o Performance tinha pouco mais de 10 anos, na maioria das apresentações a luz era natural da manhã ou da tarde, a iluminação baixa, típica da cidade proporcionou um espaço com camadas estéticas que ainda não haviam sido experimentadas.

Assim, além do espetáculo ter se construído a partir das propostas que os espaços nos traziam, ele também assumiu uma necessidade de determinados espaços, ao mesmo tempo em que é possível adaptá-lo ao espaço alternativo, existem algumas necessidades das quais não abrir mão alterariam alguns sentidos, como por exemplo, a cama em tamanho real, que a primeira ação acontecesse na frente da casa, a qual o performance passou toda sua infância,

suas primeiras lembranças e memórias, sem a cama, e caso não realizasse a primeira ação nesse exato local não seria possível acontecer a intencionalidade da Performance autobiográfica e poderia perder o verdadeiro sentido, também possíveis, porém outros.

Por tratar-se de uma pesquisa autobiográfica, a arquitetura deste território torna-se substancialmente relevante, e por vezes me encontro a questionar qual pesquisa não seria autobiográfica, pois como a escritora norte-americana Gertrude Stein afirma “tudo é autobiográfico.” (STEIN, 1937, p. 5). Aprofundar-se sobre a história do mundo nada mais é do que aprofundar-se em si mesmo, buscar conhecer e investigar os fenômenos que recontam a nossa própria existência. Seja ela coletiva ou pessoal, não há distinção. Como mencionou Merleau-Ponty:

Nele e por ele não há somente um relacionamento em sentido único daquele que sente com aquilo que ele sente: há uma reviravolta na relação, a mão tocada torna-se tocante, obrigando-me a dizer que o tato está espalhado pelo corpo, que o corpo é “coisa sentiente”, “sujeito-objeto” [...]. (MERLEAU-PONTY, 1980, p. 247)

A reflexão base que o filósofo francês aqui posiciona é a importância do corpo para a percepção dos fenômenos e consequentemente do conhecimento. Para tais resultados há a busca pela transcendência de uma dualidade, entre o objeto tocado e o tocante. No instante em que se aciona o ato de tocar, o sujeito performance torna-se objeto e vice-versa. De tal forma, é inerente ao andamento desta pesquisa: buscar compreender esse contexto do qual se configura “minha” história. Nesse viés busco também gerar um debate a respeito da história dos corpos dos canadenses partindo das memórias vividas de um corpo se relacionando com outros. Afinal, como remontam os pensadores franceses Felix Guattari e Gilles Deleuze:

não existe enunciado individual, nunca há. Todo enunciado é o produto de um agenciamento maquínico, quer dizer, de agentes coletivos de enunciação (por “agentes coletivos” não se deve entender povos ou sociedades, mas multiplicidades). Ora, o nome próprio não designa um indivíduo: ao contrário, quando o indivíduo se abre às multiplicidades que o atravessam de lado a lado, ao fim do mais severo exercício de despersonalização, é que ele adquire seu verdadeiro nome próprio. O nome próprio é a apreensão instantânea de uma multiplicidade. O nome próprio é o sujeito de um puro infinitivo compreendido como tal num campo de intensidade. (DELEUZE; GUATTARI, 2000, p. 49).

A história pessoal é uma porta aberta para as veias múltiplas da comunicação com o outro e vice-versa. De tal forma é possível que o relato, a arte da Performance autobiográfica possua a potência de evocar através de si mesmos outros recortes, variáveis e (re)conexões com demais enunciados dormentes e à deriva, a espera de um momento para se encontrarem.

À segunda ação representou como prospectado a 2ª expedição. Foi retratado por músicas do cantor regional Fábio Paes (Conforme letra a baixo), que retrata as dores da guerra paralelo

as mazelas e ausências de políticas públicas nos dias atuais, através da música – Salve Canudos. A ação contou com movimentos através do corpo e alguns objetos que compunha a performance – (Corda de cipó, uma cama acima de uma carrada de areia, fruta manga). Letra da música – Salve Canudos.

Figura 9 Ação 2 da Performance



Fonte: 9 Arquivo do graduando Márcio Malta.

Figura 8 Ação 2 da performance



Fonte: 8 Arquivo pessoal do graduando Márcio Malta.

A performance na maioria das vezes é comparada com o estado do ritual. Uma vez que somos separados geograficamente por linhas imaginárias, territórios, linguagens e diferenças culturais, a linguagem do corpo é uma das poucas referências que pode ser compartilhada ainda universalmente. A relação com a comunicação e a performance é colocada pelo artista e escritor conceitual Jorge Glusberg (2005) em A Arte da Performance:

Como já mencionamos, a *performance* envolve comunicação. Acrescentemos que se trata de uma comunicação corporal sensível, que toca as fibras íntimas da personalidade e que se aproxima bastante dos rituais iniciáticos do Oriente. Sem compartilharem o mesmo dialeto, os artistas da *performance* se põem em contato. Um contato que os linguistas denominam de *comunicação fática*. (GLUSBERG, 2005, p.117)

De acordo com Glusberg, a similaridade entre performance e comunicação se dá pela

Figura 11 Banho com água do pote



Fonte: 11 Arquivo pessoal do graduando Márcio Malta

Figura 10 / 3 ação retrata religiosidade de Canudos



Fonte: 10 Arquivo pessoal do graduando Márcio Malta



necessidade de contato que a modalidade expressa. A comunicação fática citada pelo autor, é um recurso da linguagem em que se expressa a confirmação de um contato, ou seja, é uma possibilidade linguística que visa certificar-se como está a interlocução com o destinatário, se o canal de comunicação permanece aberto ou não. Na performance, isso pode se dar de diversas maneiras, como uma potência sensível que o artista busca para estabelecer um canal de troca com o espectador. Mesmo na foto performance de Dong, podemos perceber que sua busca por uma história ancestral, bem como suas reflexões de vida e morte desenvolvem em nós um canal aberto de significados e significantes. Através de seu corpo, a artista cria uma

metáfora para falar de morte, diáspora e deslocamento. Assim como seu corpo em função artística performática, estabelece um elo com aquele que a assiste.

Após a travessia das memórias da infância para os cantos populares e a religiosidade, o performe se ajoelha no chão sob um pote com água e toma um longo banho de limpeza do corpo e da alma, é ali que ele vai enterrar sua própria cabeça, “Se apropriar da saia roxa”. O banho e a saia roxa são na verdade, uma espécie de simbologia. É ele que vai impedir que o artista se desvincule da infância para seguir diante a sua jornada. Esse elemento que possibilita o contato direto com o elemento água da natureza, um simples banho, acaba significando o elo do artista com a transformação – elemento necessário para que este se mantenha vivo. Esse simples gesto evoca em sua performance um elo à natureza.

Em sua performance, “Canudos Ao Olhar de Um Canudense”, Marcio Malta com orientação do Prof. Marcial Asevedo realiza sua caminhada para a praça central da cidade de Canudos-BA no ritmo de cantos populares e religiosos na companhia da banda de pífanos do município. A ideia da caminhada seria, além dos festejos religiosos da festa de ramos, trezena de Santo Antônio. Além da religiosidade, o performe realiza o desejo de levar toda parte cultural local em seus pés, por isso, Márcio realizou em seus registros de performáticos, descalço com uma saia roxa, se deslocando de um espaço para outro

Figura 12 Deslocamento para última ação/ 4ª expedição

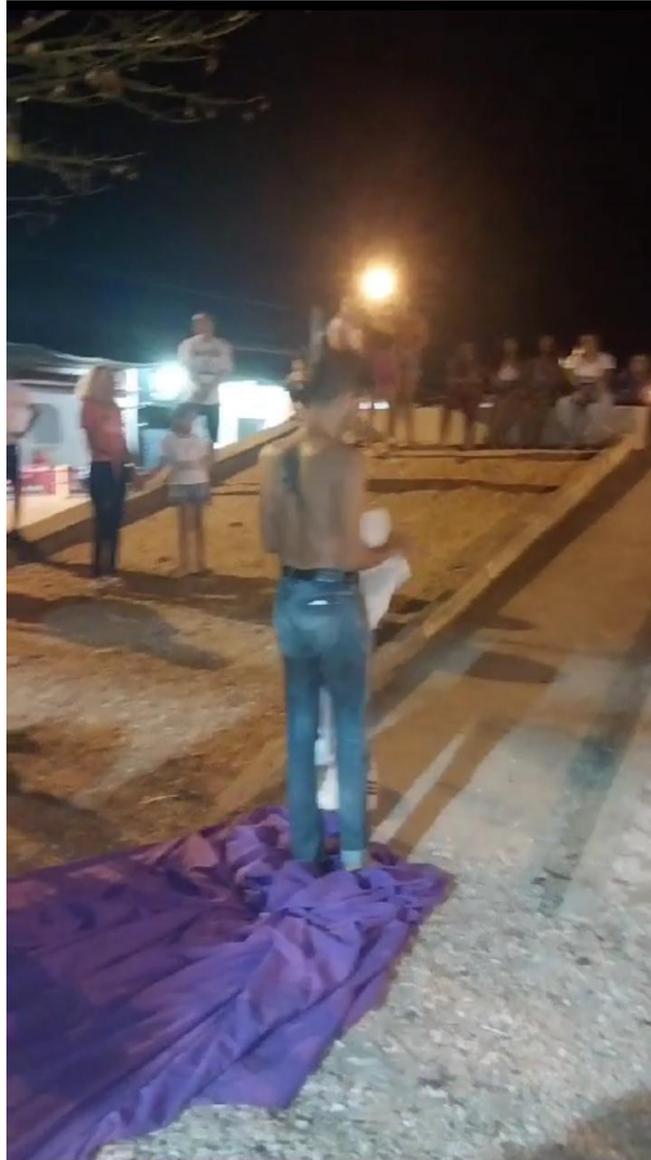


Fonte: 12 Arquivo pessoal do graduando Márcio Malta.

Esse deslocamento para o centro da cidade é intencional, uma vez que o performe faz questão de realizar um discurso político entorno de políticas públicas voltados a cultura e arte da cidade em território canudense – cidade no qual Márcio Malta cresceu e fomentou arte e cultura desde o ensino fundamental com a linguagem teatro relacionando constantemente seu corpo e as questões sociais diante as hostilidades do preconceito e da homofobia que presenciava desde cedo, parte do que constituiria sua relação com sua terra de origem, se esvai.

Por fim, a performance finaliza na praça central de Canudos-BA. O performe fala para todos os presentes perguntas e questionamentos sobre como a arte é vista e fomentada na cidade, como a juventude é motivada para com a Arte e Cultura.

Figura 13 Momento final da performance Canudos ao olhar de um Canudense.



Fonte: 13 Arquivo pessoal do graduando – Márcio Malta

Fazer e fomentar a Arte é necessário, sim, com o apagamento do povo canudense e conselheirista, de terem ceifados os corpos dos sertanejos no final do século XIX. Promover a reflexão através da performance até encontrar os restos e rastros do que nos foi arrancado se faz muito necessário. O cenário despótico nos é mais próximo do que nunca. Aprecio muito uma fala de Ailton Krenak, um dos principais pensadores indígenas e ambientalista da contemporaneidade que diz:

Então, pregam o fim do mundo como uma possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos. E a minha provocação sobre adiar o fim do mundo é exatamente sempre poder contar mais uma história. Se pudermos fazer isso, estaremos adiando o fim. (KRENAK, 2019, 1. 126)

Deixo, portanto, uma breve conclusão dessa performance autobiográfica um trabalho

que parte de um copo enquanto vários corpos, restauramos juntos um olhar repaginado do que nossos corpos canudenses representa. Nesse cenário caótico de tantas perdas, desde a guerra de Canudos em 1893-1897, não deixar jamais de contar e refletirmos sobre. Se os corpos perecem e decompõe-se com o tempo, a memória é um arquivo de tudo aquilo que já existiu e semente de tudo aquilo que ainda existirá, ela é preciosa como um recém-nascido em um campode batalha. Semeia e revivemos diante a possibilidade da ARTE.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo da pesquisa autobiográfica me evidenciou que não existe um processo individual e sim umemaranhado de ligações de diferentes corpos na sua coletividade que se encontram e se misturam e produz passo a passo, texto a texto, uma ação de compartilhamentos e encontros de memórias, identidades e diferentes culturas. Estamos em uma roda de mãos dadas, somos seres em um universo, tão diverso, plural e heterogêneo quanto nosso próprio corpo. Buscamos nossa existência na terra, a terra que enraíza a promessa da nossa existência.

Onde podemos encontrar as evidências da nossa existência na terra que promoverão essa promessa da nossa existência? Estou convicto, que em memória aos nossos ancestrais – aqueles que tiveram seus corpos dilacerados na guerra de Canudos, que cuspiram o sangue, choraram sangue de suor e abriram as veias dos rizomas das suas próprias existências - é por esses corpos que devemos o fazer da arte, pelos corpos ceifados, desaparecidos que como chamas acesas faíscam e ardem em nosso âmago o desejo de re(existir) em nossos corpos e memórias. Não há apagamento por águas do Rio Vaza Barris enquanto houver desejo pela arte, pela nossa ancestralidade. A memória é uma faísca existente no tempo. Entra em imersão e imerge suas vivências. Não se pode parar as forças da natureza, e a memória é tão comum quanto a brisa colorante que surge do meio dia no sertão. Sua brisa provoca alucinações, ela nos provoca a olhar para nosso interior.

Somos andarilhos em diferentes territórios... estamos aqui para contribuir, interagir e alargar nossa linguagem. Devemos deixar um legado, uma história, uma trajetória dessa trama existencial, no qual possamos mais do que nos orgulhar, mas nos conectar profundamente com a vida que nos cerca. Traçar uma dramaturgia que fortaleça nossa identidade, cultura em nossos e em diferentes territórios.

Vale ponderar, Performance é uma profunda reflexão sobre nossa existência, e onde for possível gerar reflexões através de diálogos entres diferentes corpos e pensamentos, é também possível fazer Performance, e eu afirmaria, é inevitável que nós artistas façamos nossa arte seja ela através da Performance ou qualquer outra forma de arte. O Professor Me. Marcial de

Asevedo, um dia me falou “O processo artístico de criação é solitário e doloroso”. Essa fala me levou a um lugar dentro de mim, para minha profunda e solitária reflexão no processo de fazer teatro, Performance, fazer arte.

Nos dias de hoje onde as pessoas mal se ouvem, sentir e criar relações com os corpos parece tarefa inacabável. Num ciclo de um cenário desmotivador, diálogos sem precedentes, tentativas maçantes em prol da criação de um inimigo invisível e devastador, as imposições maniqueístas baseadas em uma lógica dualista e ultrapassadas nos assolam para onde quer que direcionemos nossos olhares. Nessa vertente, um sistema de exclusões parece dilacerar por cima de todos os corpos, escancarando-se para aqueles que se mantinham mais velados e tornando visíveis aqueles que são insensíveis à sua atuação. Para Foucault (1999):

A peste (...) no fundo dos esquemas disciplinares, a imagem da peste vale por todas as confusões e desordens; assim como a imagem da lepra, do contato a ser cortado, está no fundo do esquema de exclusão. (FOUCAULT, 1999, p. 222)

Finalizo, aqui, com uma breve conclusão dessa trajetória enquanto vários corpos que parte de memórias coletivas, viagens e ações, tecem numa jornada coletiva. Nesse contexto de lembranças saudosistas e de relatos de um povo de tantas perdas e guerras, não podemos nos calar e deixar de contar sobre a nossa história e das nossas memórias. Se os corpos perecem e decompõe-se com o tempo, a memória é um arquivo de tudo aquilo que já existiu através dos nossos ancestrais e fruto de tudo aquilo que ainda viverá neste plano espiritual, ela é preciosa como uma jóia lapidada onde todos a desejam, mas poucos a terão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOCKER, Jane. **Where Is Ana Mendieta?:** identity, performativity, and exile. Durham and London: Duke University Press, 1999, Kindle version.

CRO, Flávio. **Vestígios:** uma investigação do ato de apropriação na arte. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola Guignard e Escola de Música, UEMG, Belo Horizonte, 2017.
CUNHA, Euclides da. "Os Sertões". Op. cit., vol. II, p. 187.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia, vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995. **Escola Nômade**. Disponível em: <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-guattari-mil-platos-vol1.pdf>. Acesso em 10/10/2019. Acesso em 10/08/2023.

DONG, Chun Hua Catherine. Art Work: all. **Chun Hua Catherine Dong**. 2016. Disponível em: <https://chunhuacatherinedong.com/art-work/>. Acesso em 10/010/2023.

DUBAR, Claude. **Trajatórias e formas identitárias: alguns esclarecimentos conceituais e metodológicos**. 1999. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73301998000100002>. Acesso em 25/10/2023.

FOUCAULT, Michel. **The History of Sexuality**. Vol. 1. Nova York, Vintage Books, 1990.
FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Editora Vozes. 1999.

HART, L. "Motherhood According to Karen Finley: The Theory of Total Blame". In: MARTIN, C. (ed.). A Sourcebook of Feminist Theatre and Performance. Nova York e Londres, Routledge, 1996.

GLUSBERG, Jorge. **A Arte da Performance**. Tradução de Renato Cohen. São Paulo: Perspectiva, 2005.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. Companhia das Letras. 2019. versão Kindle.

MEARLEU-PONTY, Maurice. **Os Pensadores**, São Paulo: Abril Cultural, 1980.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o Subalterno Falar?** Tradução de André Pereira Feitosa, Sandra Regina Goulart Almeida e Marcos Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STILES, K. "Uncorrupted Joy: International Art Actions". In: SCHIMMEL, P. Out of Actions. Nova York, Thames and Hudson, 1998.

STEIN, Gertrude. **Everybody's Autobiography**, New York: Random House, 1937.

TATE. Jeff Wall. **Tate: Jeff Wall: room guide**, room 3. Disponível em: <https://www.tate.org.uk/whats-on/tate-modern/exhibition/jeff-wall/jeff-wall-room-guide/jeff-wall-room-guide-room-3>. Acesso em 17/10/2023.